

REPORTS | PEER REVIEWED

# Apresentação do Curso de Pós-Graduação em Musicoterapia e Espectro Autista: Formação e Especialização Para Musicoterapeutas da América Latina

Nuria Inés Alicia Marsimian <sup>1\*</sup>, Mariana Nuzzi <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidad Hospital Italiano de Buenos Aires, Argentina

\* [nuriamarsimian@gmail.com](mailto:nuriamarsimian@gmail.com)

Recebido 5 de maio de 2025; Aceito 3 de setembro de 2025; Publicado 3 de novembro de 2025

Editores: Juan Pedro Zambonini, Virginia Tosto

Revisores: Susana Gutiérrez Jiménez, Stephany Vazquez

## Resumo

Neste artigo, as diretoras da formação e autoras deste texto descrevem as principais características do Curso de Pós-Graduação em Musicoterapia e Espectro Autista, formação acadêmica de pós-graduação destinada a capacitar profissionais musicoterapeutas para atender crianças e jovens no espectro autista. A formação é ministrada desde 2014 até o presente na Universidade Hospital Italiano de Buenos Aires (U.H.I.B.A.), com nove edições realizadas até 2024. Baseia-se na conceituação, sistematização e aplicação prática de diferentes modelos e orientações, bem como métodos e intervenções, tendo como ponto de partida a experiência clínica adquirida com a população. São mencionados os eventos significativos relacionados com o início e o desenvolvimento da formação, as unidades temáticas do programa de estudos, as metodologias de ensino-aprendizagem implementadas, a avaliação dos alunos, bem como a construção de evidências na região latino-americana. O principal objetivo é divulgar a experiência adquirida em sua criação e impacto na comunidade local e regional, bem como relatar os desafios enfrentados. Além disso, que possa ser tomado como referência que inspire e promova a construção de futuras formações destinadas a musicoterapeutas, buscando a especialização da disciplina em diversas áreas de aplicação e com diferentes populações.

**Palavras-chave:** musicoterapia; formação de pós-graduação; espectro autista

## Comentário Editorial

A questão da formação acadêmica representa um enorme desafio para a América Latina.

Muitos colegas, depois de estudarem na Europa e nos Estados Unidos, retornam aos seus países de origem para exercer a profissão. Frequentemente, aqueles que desejam estudar musicoterapia se mudam de cidades pequenas para as capitais a fim de cursar o ensino superior e depois retornam às suas cidades de origem. Como é essa experiência de aprendizagem, vivida entre o desenraizamento e o retorno ao lar? As autoras deste trabalho mostram o percurso seguido na criação de um curso de pós-graduação na Argentina, que foi favorecido pelo formato híbrido imposto pela pandemia da COVID-19. É um exemplo dos efeitos virtuosos do mundo hiperconectado em que vivemos, no qual o conhecimento disciplinar se difunde muito rapidamente e no qual somos convidados a uma apropriação crítica desse conhecimento, atentos à singularidade das situações em que exercemos a profissão.

## **Início e Desenvolvimento da Formação**

Nossos primeiros passos como musicoterapeutas no Hospital Italiano de Buenos Aires, Argentina, ocorreram entre os anos de 2010 e 2011. Naquela época, já com experiência prévia como musicoterapeutas clínicas, fomos convocadas pelo Serviço de Saúde Mental Pediátrica para fazer parte da Equipe de Distúrbios do Desenvolvimento. Lá, a Dra. Silvia Baetti, psiquiatra e coordenadora da equipe, que conhecia os benefícios da implementação da musicoterapia a partir de uma perspectiva interdisciplinar, nos convidou para atender pacientes em idade pediátrica (entre 2 e 16 anos) que precisavam de tratamento devido ao diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA; DSM5, APA). Depois de definir os critérios de indicação, bem como os objetivos da musicoterapia para os pacientes, realizamos vários treinamentos, incluindo uma formação de pós-graduação com duração de um ano sobre Distúrbios do Desenvolvimento, requisito fundamental para trabalhar nessa equipe.

Após dois anos de trabalho clínico, percebemos a necessidade de cruzar a teoria com diversas metodologias, ferramentas e técnicas, bem como com estratégias de apoio, tanto para implementar nos tratamentos de musicoterapia quanto para orientar profissionais de outras disciplinas. Realizamos então o Primeiro e o Segundo Encontro de Musicoterapia para o tratamento de crianças com TEA em 2012 e 2013, voltados para musicoterapeutas e estudantes avançados do curso. Ambas as jornadas tiveram como objetivo principal apresentar as contribuições específicas da disciplina para a habilitação e estimulação de funções em pessoas no espectro autista e refletir sobre a necessidade de uma visão interdisciplinar em seu tratamento. Para essas jornadas, concretizamos as primeiras buscas de evidências a partir de estudos de pesquisa e práticas baseadas em evidências de colegas ao redor do mundo, que ressoavam com nossa forma de trabalho. Nós as incorporamos ao currículo da formação com o objetivo de sistematizar, organizar e fundamentar nossa prática. A participação em ambos os eventos foi altamente bem-sucedida, com um total de oitenta musicoterapeutas presentes, muitos deles colegas que trabalhavam na área e solicitavam uma formação mais completa e específica.

O processo de montagem, fundamentação e busca de evidências para enquadrar a prática envolveu um trabalho exaustivo de estudo e revisão, fora do horário de atendimento hospitalar e do trabalho remunerado. Implicou a revisão da literatura existente, bem como a atualização nas correntes mais contemporâneas para o atendimento dessa população. Neste ponto, destacamos um treinamento que realizamos, o Curso de Musicoterapia e Autismo na modalidade online, ministrado pelo Dr. Gustavo Schulz Gattino, organizado pelo Centro de Musicoterapia Dinâmica (2013). O curso foi uma inspiração para a criação da formação.

Tal como refletimos na revisão narrativa de Gattino et al. (2021), conhecíamos autores argentinos e europeus que propunham formas de trabalho para o espectro autista.

Reconhecemos, naquele momento, a necessidade de sistematizar e organizar a prática à luz de novas perspectivas que incluíssem as neurociências, as teorias cognitivo-comportamentais, a perspectiva da funcionalidade, bem como as abordagens baseadas na neurodiversidade. Também queríamos levar em conta o quadro psicodinâmico, com uma tradição enraizada nas práticas e na cultura acadêmica da Argentina. Somado a isso observamos uma certa escassez na publicação de artigos sobre o tema por parte dos colegas argentinos, tudo isso resumido naquela revisão (Gattino et al., 2021). Como resultado desse processo, delineamos um quadro de trabalho próprio, baseado na experiência clínica com a população (Marsimian e Nuzzi, 2025), articulando seus aspectos teóricos, práticos e metodológicos, que apresentamos durante o primeiro encontro da formação.

Seguindo com o desenvolvimento do programa ao longo do tempo, em 2014 nasceu a primeira edição da formação, originalmente denominada Curso de Pós-Graduação em Musicoterapia e Transtornos do Espectro Autista, cujo projeto curricular foi aprovado pelo Instituto Universitário do Hospital Italiano de Buenos Aires (I.U.H.I.B.A.). De 2014 a 2019, a proposta do curso se estendeu por cinco meses, com um total de vinte e cinco horas de formação, em formato totalmente presencial, em um encontro mensal de cinco horas, e com um programa dividido em cinco unidades temáticas.

Paralelamente, durante os anos de 2016, 2017 e 2018, organizamos três edições das Jornadas “Musicoterapia. Contribuições específicas para o tratamento interdisciplinar dos Transtornos do Espectro Autista,” dirigidas a profissionais da saúde e da educação, bem como a estudantes da carreira. Elas contaram com a participação de um total de noventa e seis profissionais e estudantes de musicoterapia. A partir dessas jornadas, introduzimos as diretrizes centrais da abordagem e os critérios de indicação para musicoterapia destinados a profissionais da área da saúde e educação, favorecendo assim a difusão e o alcance da disciplina. Também incentivamos a formação de redes interdisciplinares de intercâmbio para o trabalho com pessoas no espectro autista, considerando suas diversas necessidades e, por fim, os estudantes do curso de musicoterapia obtiveram uma visão geral das possibilidades de trabalho com essa população.

Durante os anos de 2020 e 2021, fizemos uma pausa obrigatória devido ao contexto da pandemia da COVID-19, aproveitando para delinear um novo formato do curso com um conteúdo pedagógico e metodológico superior ao que vínhamos realizando. Para isso, recebemos a assessoria do Departamento Pedagógico da U.H.I.B.A., o que resultou na implementação de novos recursos e ferramentas tecnológicas para a modalidade virtual, novas estratégias para potencializar o intercâmbio em grupo e a participação ativa dos alunos. Paralelamente, também realizamos o Curso de Formação Inicial Docente para profissionais de saúde da U.H.I.B.A., dado o interesse da instituição em capacitar os diretores de suas formações.

Assim, a partir do ano de 2022, e até o presente, implementamos um curso com duração anual e em formato híbrido, com aulas virtuais e presenciais, com um total de cem horas de formação. O curso consiste em oito aulas, com duração de quatro horas cada, na modalidade virtual e síncrona, nas quais trabalhamos diversos conteúdos de musicoterapia e do espectro autista. Contamos com professores musicoterapeutas de referência na área da Argentina e de outros países, que pudemos convocar para as novas edições devido à mudança para o formato virtual, bem como professores de outras disciplinas, como psiquiatria, psicologia, terapia ocupacional e fonoaudiologia. O curso conta com um campus virtual que permite o acesso à bibliografia de leitura obrigatória e opcional, conteúdos audiovisuais, atividades assíncronas e um fórum de intercâmbio em grupo no qual os alunos trocam ideias e experiências ao longo do curso. Somado a isso, há uma aula presencial anual de oito horas, na qual apresentamos casos e realizamos a aplicação prática de conceituações teóricas, métodos e ferramentas, tanto de avaliação quanto de intervenção. O curso termina com a exigência da apresentação de um trabalho individual integrador, centrado em um caso clínico, para aplicar os aprendizados realizados nas

diferentes unidades. A partir de 2022, em virtude das readequações e atualizações da denominação do autismo e, conseqüentemente, do enfoque da formação, decidimos alterar seu nome para “Curso de Pós-Graduação em Musicoterapia e Espectro Autista,” com a ideia de nos afastarmos do paradigma médico e nos aproximarmos do paradigma da neurodiversidade. A Tabela 1 mostra as principais características e diferenças entre as edições do curso, considerando seu título, a quantidade de horas, a modalidade, etc. Para isso, as dividimos em dois grupos: as edições 1ª a 6ª na modalidade presencial e as edições 7ª a 9ª na modalidade híbrida.

**Tabela 1.** Principais características e diferenças entre as edições do curso, divididas em dois grupos de acordo com a modalidade.

<b>Título da Formação</b>	Curso de Pós-Graduação em Musicoterapia e Transtornos do Espectro Autista	Curso de pós-graduação em Musicoterapia e Espectro Autista
<b>Edição</b>	1ª Edição 2014 2ª Edição 2015 3ª Edição 2016 4ª Edição 2017 5ª Edição 2018 6ª Edição 2019	7ª Edição 2022 8ª Edição 2023 9ª Edição 2024
<b>Duração</b>	5 meses (agosto a dezembro)	8 meses (abril-novembro)
<b>Quantidade de aulas</b>	5 aulas	9 aulas
<b>Total de horas</b>	25 horas	100 horas
<b>Frequência</b>	Mensal (5 horas)	Mensal (4 horas) Presencial (1 aula de 8 horas ou 2 aulas de 5 horas). De acordo com a edição.
<b>Modalidade</b>	Presencial	Híbrido: Virtual e Presencial
<b>Avaliação final</b>	Trabalho prático individual com base em um estudo de caso	Trabalho prático individual com base em um estudo de caso
<b>Materiais e bibliografia</b>	Bibliografia obrigatória e opcional.	Bibliografia obrigatória e opcional. Campus virtual: Conteúdos audiovisuais Atividades assíncronas Fórum de consultas em grupo
<b>Unidades temáticas</b>	5 Unidades: (1) História da Musicoterapia para o tratamento do Autismo (2) Avaliação e intervenções da musicoterapia (3) Processamento sensorial e musical no TEA. (4) Comorbidades no TEA. Música e emoções.	8 Unidades: (1) História, evolução e atualidade da Musicoterapia no Espectro Autista (2) Avaliação em Musicoterapia no Espectro Autista (3) Modalidades de abordagem da Musicoterapia no Espectro Autista . (4) Percepção e estilos de processamento no

	(5) Estimulação de habilidades sociais na musicoterapia	Espectro Autista . (5) Comorbidades e espectro autista. Música e emoções. (6) Habilidades sociais na musicoterapia e no Espectro Autista. (7) Abordagens em musicoterapia centrada na família no contexto do Espectro Autista. (8) Musicoterapia e interdisciplinaridade. Planejamento centrado na pessoa e neurodiversidade.
<b>Equipe docente</b>	Professores da Argentina	Docentes da Argentina Docentes internacionais
<b>Número de graduados por país</b>	Argentina (n 202) Uruguai (n 2) Espanha (n 1) México (n 1) Peru (n 1) Itália (n 1)	Argentina (n 76) Uruguai (n 1) Paraguai (n 1) Chile (n 1)

No nível institucional, o desenvolvimento da disciplina encontrou diversos desafios relacionados ao modelo médico hegemônico como paradigma a partir do qual muitas instituições de saúde se regem, apesar da necessidade e do desejo de mudar para um modelo social de saúde. É por isso que realizamos diversas ações de divulgação destinadas aos profissionais do hospital, como a apresentação da disciplina em congressos clínicos, bem como ações dirigidas aos usuários do serviço, o que teve como efeito a inclusão de musicoterapeutas em outras equipes do Serviço de Saúde Mental. Destacamos, então, a importância de nos relacionarmos com profissionais médicos que nos dão apoio para participar dos diversos serviços de saúde e, da mesma forma, de realizar ações que permitam visibilizar o trabalho de nossa disciplina. Essas ações coordenadas têm um impacto positivo dentro da instituição acadêmica do hospital para obter a aceitação do programa de formação, sendo até hoje a única proposta da instituição relacionada à musicoterapia.

### Relevância da Formação no Contexto da Argentina

Consideramos que a presente formação despertou um interesse significativo na comunidade de musicoterapeutas da Argentina e da América Latina, tendo em conta o número de colegas formados e a avaliação positiva dos alunos relatada nas pesquisas, que desenvolveremos mais adiante.

Por um lado, nos últimos anos, o TEA e as condições do neurodesenvolvimento consolidaram-se como uma área de especialização profissional, com possibilidades concretas de inserção profissional para os musicoterapeutas. Ao mesmo tempo, reconheceu-se que a prevalência do TEA na população geral aumentou significativamente nas últimas décadas. De acordo com o último relatório dos Centros de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC, 2025), correspondente a estudos de prevalência realizados em dezesseis regiões dos Estados Unidos, o TEA foi identificado em 1 em cada 31 crianças com idades entre quatro e oito anos. O último relatório da Comissão The Lancet (2022) refere que o autismo afeta 78 milhões de pessoas em todo o mundo,

embora a documentação formal de sua existência seja limitada a alguns países (Lord et al., 2022). Na América Latina, apenas no Equador se conhecem os números atuais de prevalência apresentados pela revisão de Zeidan et al. (2022). Em nosso país, ainda não foram realizados estudos de prevalência.

Por outro lado, observamos um aumento no reconhecimento do alcance e dos benefícios da musicoterapia para essa população, de modo que os encaminhamentos e indicações ocorrem de forma mais direta, assim como há uma maior incorporação de profissionais musicoterapeutas às equipes interdisciplinares. Na Argentina, no chamado Consenso sobre diagnóstico e tratamento de pessoas com TEA (Ministério da Saúde e Desenvolvimento Social da Nação Argentina, 2019), a musicoterapia é mencionada como uma disciplina recomendada para o tratamento dessa condição. Além disso, existe um marco legal que permite o acesso direto aos serviços de musicoterapia; a título de exemplo, mencionaremos a Lei sobre a convenção dos direitos das pessoas com deficiência (Congresso da Nação Argentina, 2008) e a Lei sobre a abordagem integral e interdisciplinar das pessoas que apresentam transtornos do espectro autista (Congresso da Nação Argentina, 2014).

Nos cursos universitários de graduação na Argentina, o autismo e as condições do neurodesenvolvimento são abordados de forma parcial e como parte de disciplinas que tratam de outros conteúdos temáticos, como, por exemplo, deficiência, infância ou distúrbios neurológicos; o que faz com que o conhecimento, o aprofundamento e a atualização desse tema não sejam suficientes para aqueles que desejam começar a trabalhar na área. Consideramos que a formação contínua para aprofundar e atualizar conceitos, abordagens específicas e a aplicação de diferentes métodos, ferramentas e técnicas para essa população se torna fundamental no nível de pós-graduação. Em linha com isso, nosso país é um dos poucos que possui formações de pós-graduação destinadas a musicoterapeutas com diploma universitário, que buscam atualizar os profissionais em diversos temas (Broqua, 2023). Em referência a formações semelhantes a este programa, encontramos apenas duas em nível global. Uma é o Curso de Musicoterapia e Autismo do grupo Heart Beat Musicoterapia (2024), na modalidade online e com duração de 90 horas, ministrado em espanhol e português e destinado a musicoterapeutas. O segundo é o Corso di specializzazione in Musicoterapia e Autismo, do Centro Studi Musica & Arte di Firenze (2024), que conta com 72 horas de formação online sem supervisão ou 84 horas de formação presencial com 12 horas de supervisão. Esta formação é ministrada em italiano e inglês e é destinada a musicoterapeutas, professores de apoio, assistentes sociais e profissionais de saúde. As principais diferenças em relação ao programa aqui descrito são que uma das formações tem um público mais amplo e que ambas não oferecem um título emitido por uma instituição acadêmica.

## **Destinatários da Formação**

Os destinatários do curso são profissionais musicoterapeutas que possuem um diploma de musicoterapeuta ou de licenciado em musicoterapia, concedido por uma universidade. No caso de musicoterapeutas de outros países que não possuem cursos de graduação, é necessário possuir um diploma de mestrado em musicoterapia, com um programa acadêmico com duração mínima de dois anos. No caso da Argentina, o curso também pode ser realizado por estudantes avançados de cursos de graduação em musicoterapia, com as disciplinas do programa de graduação aprovadas e em fase de tese.

Até a nona edição do curso, realizada em 2024, participaram um total de duzentos e oitenta e sete ( $n = 287$ ) musicoterapeutas provenientes de países como Argentina, Uruguai, Espanha, Peru, Paraguai, Chile, Itália e México. A maioria reside na Argentina ( $n = 278$ ; 96,86%) e possui diploma de graduação em musicoterapia, e uma minoria possui diploma de musicoterapeuta. No caso da Espanha ( $n = 1$ ; 0,35%), os participantes possuem um



diploma de mestrado em musicoterapia concedido por universidades de seu país. No caso do Peru ( $n = 1$ ; 0,35%), Chile ( $n = 1$ ; 0,35%), México ( $n = 1$ ; 0,35%) e Itália ( $n = 1$ ; 0,35%), trata-se de musicoterapeutas que cursaram graduação em musicoterapia na Argentina e depois retornaram aos seus países para exercer a profissão. No caso do Uruguai ( $n = 3$ ; 1,04%), eles possuem um diploma de bacharelado em musicoterapia obtido em seu país. No caso do Paraguai ( $n = 1$ ; 0,35%), eles possuem um título de mestrado em musicoterapia obtido na Espanha.

A maioria dos alunos é proveniente da Argentina (96,86%). É interessante discutir as dificuldades de acesso à formação de pós-graduação em nosso país. A cidade de Buenos Aires, sua capital, concentra uma grande porcentagem dos cursos de pós-graduação, o que implica que os profissionais de outras províncias precisam se deslocar longas distâncias para ter acesso ao ensino superior. Esse aspecto se apresentou como um desafio durante as seis primeiras edições do curso (2014-2019); no entanto, a dificuldade pôde ser superada com a mudança para o formato híbrido a partir da 7ª edição do ano de 2022.

Neste ponto, também destacamos que, após o término da formação, alguns colegas nos convidaram para realizar encontros sobre o tema destinados a profissionais e famílias residentes em suas cidades. Por exemplo, o evento na cidade de Chacabuco, província de Buenos Aires (Baetti et al., 2017), ou o I Simpósio de Musicoterapia da Província de Entre Ríos, organizado pelo Colégio de Musicoterapeutas da Província (COMUPER; 2025). Esses eventos são de caráter interdisciplinar e têm a função de divulgar a disciplina, trabalhar as necessidades dos profissionais de saúde e educação dessas cidades, com diferentes problemas associados à assistência à população no espectro autista. É o caso dos profissionais da educação, que desejam se informar sobre o impacto da música no contexto educacional e sobre como obter maior proveito desse recurso, bem como melhorar o apoio que pode ser oferecido na escola às crianças no espectro autista.

## Objetivos e Conteúdos da Formação

O curso apresenta uma série de objetivos que buscam esclarecer a proposta formativa. São eles: (1) conhecer o diagnóstico de TEA e as perspectivas atuais em torno da assistência a essa população, (2) conhecer as diretrizes e os postulados fundamentais sobre o uso da música no espectro autista, (3) aprofundar a importância da função musical e sua estimulação em crianças no espectro autista, (4) conhecer ferramentas e métodos de avaliação para avaliar o perfil de cada pessoa no espectro autista, (5) aprofundar diferentes orientações, modelos e abordagens da musicoterapia no espectro autista, (6) conhecer as diretrizes de diversas intervenções musicoterapêuticas em diferentes níveis de funcionalidade e de acordo com as problemáticas associadas à condição do espectro autista, (7) conhecer e analisar diversos estudos de pesquisa e práticas baseadas em evidências sobre o uso da musicoterapia para a população no espectro autista.

Em relação ao conteúdo, o curso é dividido em oito unidades temáticas ao longo de oito meses. Em cada uma delas, buscamos fundamentar e articular os temas a partir de evidências científicas existentes e relevantes, bem como evidências baseadas na prática atualizada. Nesse sentido, organizamos o conteúdo do currículo de forma esquemática e progressiva para potencializar seu melhor aprendizado. De maneira geral, mencionaremos os eixos temáticos e os principais conteúdos de cada unidade, com foco nos conteúdos e autores de referência centrais, sabendo que a bibliografia é mais extensa e ampla do que a mencionada aqui.

Na unidade 1, estudamos as abordagens históricas da musicoterapia para o espectro autista, a nível mundial (Reschke Hernández, 2011) e na Argentina (Gattino et al., 2021), bem como os critérios diagnósticos atuais do TEA (DSM 5; APA, 2013) e as diversas perspectivas de atendimento e apoio (Lord et al., 2021). Além disso, oferecemos um

panorama amplo em relação às evidências atuais sobre o uso e a eficácia da musicoterapia para o espectro autista (Bieleninik et al., 2017; Geretsegger et al., 2022), atualizando esses dados para cada nova edição do curso.

Na unidade 2, estudamos os principais aspectos da avaliação dimensional no espectro autista (Riviere, 2001), os critérios de indicação para musicoterapia (Møller et al, 2002) e os aspectos gerais da avaliação (Gattino, 2021). Destacam-se diversos processos, métodos e ferramentas de avaliação para implementar na prática (Gattino, 2022; Marsimian, 2023a), bem como as metas e os objetivos gerais da musicoterapia no contexto do espectro autista (Wigram e Gold, 2006). São estudadas as principais características de uma ferramenta de avaliação em musicoterapia chamada Perfil Funcional Musical (PFM), criada por uma das diretoras da formação (Marsimian, 2023b).

Na unidade 3, estudamos os diferentes modelos, abordagens e orientações da musicoterapia no espectro autista, tais como o modelo de musicoterapia comportamental (Martin, 2018), o improvisacional (Geretsegger et al., 2015), o de musicoterapia neurológica (Janzen e Thaut, 2018; LaGasse, 2024) e o de neurodesenvolvimento (LaGasse, 2018). É apresentado um panorama mais amplo dos modelos utilizados atualmente (Gattino, 2022).

Na unidade 4, estudamos a percepção sensorial e cognitiva e os estilos de processamento no espectro autista, abordando a teoria da hiperseletividade (Happe e Frith, 2006) e a teoria da mente (Baron Cohen et al, 2000), as bases do processamento sensorial (Ayres, 1971), o processamento da música (Hernández-Ruiz et al, 2022) e a linguagem (Vaiouli e Andreou, 2018).

Na unidade 5, trabalhamos as condições coexistentes, a saúde mental e a camuflagem no espectro autista (Colvert et al., 2022; Fombonne, 2020), bem como o trabalho com música e emoções (Allen et al., 2013; Quintin, 2019).

Na unidade 6, estudamos as habilidades sociais e sua abordagem a partir da musicoterapia, abordando as bases da interação social humana (Malloch e Trevarthen, 2018; Trevarthen e Aitken, 2001), diversas formas de potencializar essas habilidades na musicoterapia (LaGasse, 2017; Gattino, 2022) e o trabalho com histórias sociais musicais (Brownell e Schwartzberg, 2018).

Na unidade 7, estudamos diferentes abordagens da musicoterapia e da família (Hernández-Ruiz, 2020; Jacobsen e Thompson, 2016) e da intervenção precoce para o espectro autista (Dawson e Rogers, 2010).

Por último, na unidade 8, trabalhamos sobre a interseção entre musicoterapia e interdisciplinaridade, os modelos atuais em deficiência (Aznar e González Castañón, 2019; Verdugo Alonso et al, 2021), o trabalho com pontos fortes e o contexto de apoio (Lai et al., 2020; Mottron, 2017) e a neurodiversidade (Leadbitter et al., 2021; Ratazzi, 2021; Schuck et al., 2021).

## Fundamentação das Metodologias de Ensino-Aprendizagem

No início da formação, explicamos aos alunos que compreender o espectro autista, assim como a aplicação da musicoterapia, representa construções complexas que precisam ser divididas e segmentadas para que possam ser entendidas. Consideramos fundamental tornar visível a complexidade do tema desde o começo da formação. Por isso, utilizamos exemplos com situações e casos concretos desde o início, além de trabalharmos com conteúdos práticos relacionados, que permitem oferecer uma explicação geral dos assuntos abordados. O objetivo final é que o aluno obtenha uma visão ampla e profunda, o que requer a inter-relação entre os aspectos clínicos e os temas teóricos, visando uma melhor integração dos conteúdos.

Em relação às metodologias de ensino-aprendizagem, implementamos a aprendizagem a



partir de casos-problema, o que implica o trabalho colaborativo em formato de grupo para a resolução de diversos problemas práticos e a proposição e planejamento de possíveis soluções (Pozzo et al., 1994). Esses problemas são frequentemente utilizados como ferramentas-chave para promover o pensamento crítico, a tomada de decisões e a integração de conhecimentos teóricos com sua aplicação prática para uma aprendizagem significativa (Jonassen, 2011). Também propomos algumas atividades de simulação com o objetivo de aproximar os alunos de situações e elementos semelhantes à realidade, visando testar habilidades práticas e operacionais antes de enfrentar a prática no mundo real (Davini, 2008). Considerando o proposto por este último autor, as atividades de simulação cênica são realizadas em torno da organização de diferentes cenas e jogos de papéis, nos quais os profissionais ensaiam habilidades de comunicação, manejo de terminologia, manejo de ferramentas e técnicas, bem como argumentação e tomada de decisões. Durante as atividades de simulação virtual, são treinadas habilidades de pesquisa e manejo de informações. Também são realizadas atividades de simulação instrumental (Davini, 2008) durante o encontro presencial, nas quais são desenvolvidas habilidades de manejo de instrumentos e operacionalidade no ambiente físico.

Em cada aula no formato virtual e síncrono, apresentamos um professor convidado que expõe um tema específico diretamente relacionado à unidade temática correspondente. Oferecemos tempo suficiente para o intercâmbio em grupo com o professor, para que os alunos possam expor dúvidas e fazer perguntas, e facilitamos a reflexão e a síntese no momento da plenária como encerramento de cada encontro.

Em relação à modalidade assíncrona, disponível a partir do campus virtual da universidade, fornecemos diferentes conteúdos audiovisuais, organizados de acordo com cada unidade temática, que são atualizados a cada nova edição do curso. A partir dos conteúdos, propomos algumas perguntas e reflexões com o objetivo de aprofundar ainda mais os temas trabalhados. A partir desse formato, e considerando o tempo que ocorre entre uma aula síncrona e a seguinte, promovemos um maior tempo de processamento das informações apresentadas em cada unidade.

No caso da avaliação final do curso, propomos realizá-la a partir da elaboração de um estudo de caso (Davini, 2008). A proposta é que cada aluno selecione um caso clínico próprio ou um caso simulado, sugerido pela direção a partir de um personagem de um filme ou série que apresente a condição autista. O aluno deve apresentar as principais características e o contexto do caso com uma descrição introdutória. A partir daí, são apresentadas uma série de instruções que incorporam os aspectos estudados ao longo da formação, com o objetivo de realizar uma análise integral do caso. O objetivo principal é que os alunos consigam realizar uma observação e análise consistente do caso ao longo da avaliação, bem como sugerir métodos e intervenções para diferentes situações apresentadas no contexto do caso descrito.

O conjunto dessas metodologias foi projetado e pensado para estimular e apoiar o que Perkins (2010) denomina aprendizagem plena, ou seja, que o conhecimento não seja meramente adquirido, estudado ou memorizado, mas que tenda a uma aprendizagem significativa e a fornecer ferramentas para abordar a complexidade.

## **Avaliação dos alunos**

Após o término de cada edição do curso, é realizada uma avaliação de satisfação e qualidade por meio de uma pesquisa individual e anônima, destinada a que os alunos avaliem o curso levando em consideração diferentes aspectos, tais como a satisfação geral e a percepção pessoal, a avaliação da qualidade pedagógica, os conteúdos e materiais de estudo, a qualidade do ensino, o desenvolvimento das aulas e as metodologias de ensino-aprendizagem. Além disso, avalia-se a qualidade organizacional, a contribuição para a

própria prática e o desenvolvimento profissional e, por último, as sugestões para melhorias futuras. Essas avaliações permitem que as diretoras obtenham um feedback dos alunos para melhorar a formação ano a ano.

Apresentamos aqui os resultados obtidos nas pesquisas realizadas nas últimas três edições da formação, correspondentes aos anos de 2022, 2023 e 2024. Os dados foram elaborados pela Área de Autoavaliação e Desenvolvimento do Departamento de Educação da U.H.I.B.A, que autorizou sua publicação. O questionário contém perguntas com respostas do tipo escala de Likert, que avaliam as opiniões e percepções do aluno em relação à formação. No final deste artigo, destacamos uma das perguntas feitas: Em que medida este curso contribuiu para o seu desenvolvimento profissional? De um total de sessenta e uma respostas obtidas nas três edições mencionadas, os alunos consideram que este curso contribuiu 100% para o seu desenvolvimento profissional. Diante da pergunta: Por que este curso contribuiu para o seu desenvolvimento profissional?, analisamos detalhadamente as respostas obtidas a partir de uma análise temática qualitativa (Gattino, 2021), identificando dez temas emergentes, podendo, em alguns casos, identificar mais de um tema em cada resposta. No figura 1 a seguir, observam-se as proporções de cada tema no total das respostas obtidas pelos graduados à pergunta sobre por que este curso contribuiu para seu desenvolvimento profissional.

**Figura 1.** Temas identificados nas respostas obtidas pelos graduados da formação em relação à contribuição do curso para o desenvolvimento profissional.



A partir das respostas obtidas, vislumbramos diversos temas e conteúdos que promoveram formações realizadas posteriormente fora do curso de pós-graduação com o objetivo de contribuir para a formação contínua dos musicoterapeutas. Essas formações foram realizadas principalmente nos últimos cinco anos e abordam temas como aprendizagem com problemas, elaboração de relatórios e documentos, planejamento da intervenção considerando os marcos do desenvolvimento, entre outros. Também ministramos diversos seminários de atualização com professores internacionais, especialistas em avaliação em musicoterapia e em modelos de abordagem com famílias. Além disso, os colegas que realizam o curso participam posteriormente de espaços de supervisão individualizada e mentorias, nos quais continuamos a enriquecer a formação, o treinamento e a prática clínica, ao mesmo tempo em que contribuimos para a formação de redes entre colegas.

## Formalização das Práticas de Musicoterapia no Espectro Autista

Paralelamente ao desenvolvimento dessa formação, participamos de eventos na Argentina e em outros países relacionados aos temas ligados ao nosso trabalho clínico com pessoas no espectro autista. A participação nesse tipo de evento torna-se significativa, considerando que, em geral, o nível de representatividade da musicoterapia é relativamente baixo e que esses eventos são uma oportunidade para visibilizar o alcance e os benefícios da musicoterapia para um público composto principalmente por profissionais médicos e outros profissionais da saúde que não são musicoterapeutas.

Por último, destacamos o fato de que, em colaboração com outros autores, escrevemos uma série de publicações em espanhol e inglês sobre o tema, que refletem tanto o trabalho clínico quanto o desenvolvimento do curso de formação. Esses escritos foram publicados em diferentes revistas de musicoterapia da América Latina e internacionalmente, como a *Voices: A World Forum for Music Therapy*, a *Approaches: An Interdisciplinary Journal of Music Therapy*, a *ECOS. Revista Científica de Musicoterapia y Disciplinas Afines* e a *Revista de la Red Latinoamericana y del Caribe de Musicoterapia para la Primera Infancia*.

Em conjunto, esta série de publicações permite a formalização das práticas de musicoterapia com a população no espectro autista por meio da escrita, colaborando na construção de conhecimentos, bem como na construção de evidências baseadas na prática, provenientes da região da América Latina.

## Conclusões

A redação desta publicação nos permitiu lembrar com alegria e gratidão o imenso trabalho que envolveu a montagem, o desenvolvimento e a fundamentação desta formação durante os últimos dez anos. Esperamos que tenha sido uma oportunidade para que os leitores se aproximem para conhecê-la a partir de uma visão próxima e familiar, na qual nosso principal objetivo é destacar os múltiplos desafios enfrentados ao longo do caminho, bem como enfatizar a articulação dos esforços das pessoas envolvidas, da instituição universitária, da direção e coordenação médica, das diretoras, professores e alunos, para sua sustentabilidade ininterrupta ao longo do tempo. É significativo para nós reconhecer o impacto que ela produziu e produz na comunidade local da Argentina, dada a grande quantidade de graduados e as avaliações positivas obtidas até o momento, bem como observar seu crescimento gradual na região da América Latina.

Concluimos que é necessário reconhecer a importância e os benefícios dos cursos de pós-graduação em musicoterapia, como o que descrevemos neste artigo, destinados a musicoterapeutas da região. A musicoterapia é uma disciplina amplamente utilizada para o atendimento de pessoas no espectro autista e suas famílias, o que exige especialização, atualização e desenvolvimento de competências clínicas específicas para o trabalho com essa população.

## Agradecimentos

Expressamos nossa gratidão à Universidade Hospital Italiano de Buenos Aires, Argentina, por ser a instituição de ensino que apoiou essa formação durante esses 10 anos, bem como aos colegas que escolheram este curso como parte de sua formação profissional.

## Sobre as Autoras

**Nuria Marsimian:** Licenciada em Musicoterapia (Argentina). Musicoterapeuta clínica com mais de 15 anos de experiência. Supervisora e formadora de musicoterapeutas. Pesquisadora y palestrante internacional. Criadora da Ferramenta de Avaliação em

Musicoterapia, Perfil Funcional Musical (PFM). Diretora do Curso de Pós-Graduação em Musicoterapia e Espectro Autista (U.H.I.B.A.). Autor de diversas publicações sobre musicoterapia na América Latina e internacionalmente.

**Mariana Nuzzi:** Licenciada em Musicoterapia (Argentina). Musicoterapeuta clínica com mais de 15 anos de experiência. Supervisora, mentora e formadora de musicoterapeutas. Lidera equipes e projetos interdisciplinares na área de autismo e deficiências. Diretora do Curso de Pós-Graduação em Musicoterapia e Espectro Autista (U.H.I.B.A.). Autor de diversas publicações sobre musicoterapia na América Latina.

## Referências

- Allen, R., Davis, R., e Hill, E. (2013). The effects of autism and alexithymia on physiological and verbal responsiveness to music [Os efeitos do autismo e da alexitimia na resposta fisiológica e verbal à música]. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 43(2), 432–44. <https://doi.org/10.1007/s10803-012-1587-8>
- Associação Americana de Psiquiatria (2013). *Manual diagnóstico y estadístico de los trastornos mentales [Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais] (5ª Ed.)*.
- Ayres, A. (1971). Characteristics of types of sensory integrative dysfunction [Características dos tipos de disfunção sensorial integrativa]. *Revista Americana de Terapia Ocupacional*, 25(7), 329–334.
- Aznar, A., e González Castañón, D. (2019). *Planificación centrada en la persona. Prácticas revolucionarias en discapacidad para Latinoamérica [Planejamento centrado na pessoa. Práticas revolucionárias em deficiência para a América Latina]*. Edições Itineris.
- Baetti, S., Bercún, E., Lombardo, M., Marsimian, N., Nuzzi, M., e Vesella, P. (25 de novembro de 2017). *Jornada Interdisciplinaria. Aportes específicos para el tratamiento interdisciplinario de los Trastornos del Espectro Autista [Jornada Interdisciplinar. Contribuições específicas para o tratamento interdisciplinar dos Transtornos do Espectro Autista]*. Cidade de Chacabuco. Província de Buenos Aires, Argentina.
- Baron-Cohen, S., Lombardo, M., & Tager-Flusberg, H. (2000). *Understanding other minds: Perspectives from developmental cognitive neuroscience [Compreendendo outras mentes: Perspectivas da neurociência cognitiva do desenvolvimento] (2ª ed.)*. Oxford University Press.
- Bieleninik, L., Geretsegger, M., Mössler, K., Assmus, J., Thompson, G., Gattino, G., Elefant, C., Gottfried, T., Iglizzi, R., Muratori, F., Suvini, F., Kim, J., Crawford, M. J., Odell-Miller, H., Oldfield, A., Casey, Ó., Finnemann, J., Carpenter, J., Park, A. L., Grossi, E., e Gold, C. (2017). Effects of improvisational music therapy vs. enhanced standard care on symptom severity among children with autism spectrum disorder: The TIME-A randomized clinical trial [Efeitos da musicoterapia improvisada versus cuidados padrão aprimorados na gravidade dos sintomas em crianças com transtorno do espectro autista: O TIME - um ensaio clínico randomizado]. *JAMA*, 318(6), 525–535. <https://doi.org/10.1001/jama.2017.9478>
- Broqua, G. (dezembro de 2023). *Posgrados de actualización en musicoterapia en Argentina [Pós-graduações de atualização em musicoterapia na Argentina]*. [Trabalho livre]. XV Congresso Internacional de Pesquisa e Prática Profissional em Psicologia. XXX Jornadas de Pesquisa. XIX Encontro de Pesquisadores em Psicologia do MERCOSUL. V Encontro de Pesquisa em Terapia Ocupacional V Encontro de Musicoterapia. Faculdade de Psicologia. Universidade de Buenos Aires, Buenos Aires.

<https://www.aacademica.org/graciela.ines.broqua/7.pdf>

- Brownell, M., e Schwartzberg, E. (2018). Social stories. Pairing the story with music and video modeling for children with autism spectrum disorders [Histórias sociais. Combinando a história com música e modelagem em vídeo para crianças com transtornos do espectro autista]. Em P. Kern e M. Humpal (Eds.), *Musicoterapia na primeira infância e transtorno do espectro autista* (2ª Ed., pp. 131–150). Jessica Kingsley.
- Centro de Musicoterapia Dinâmica (2013). *Curso de Musicoterapia y Autismo [Curso de Musicoterapia e Autismo]*. Modalidade online.
- Centros de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (17 de abril de 2025). Prevalencia e identificación temprana del trastorno del espectro autista en niños de 4 a 8 años [Prevalência e identificação precoce do transtorno do espectro autista em crianças de 4 a 8 anos]. Rede de Monitoramento do Autismo e das Deficiências do Desenvolvimento. <https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/74/ss/ss7402a1.htm>
- Centro Studi Musica & Arte di Firenze. (2024). *Corso di Specializzazione in Musicoterapia e Autismo [Curso de Especialização em Musicoterapia e Autismo]*. <https://www.musicarte.it/event-details/3-corso-di-specializzazione-in-musicoterapia-e-autismo-2024-25>
- Colégio de Musicoterapeutas da Província de Entre Ríos, Argentina (COMUPER) (5 de abril de 2025). *I Simpósio de Musicoterapia de Entre Ríos. Autismo y desafíos en el desarrollo. Aportes de la Musicoterapia [I Simpósio de Musicoterapia de Entre Ríos. Autismo e desafios no desenvolvimento. Contribuições da Musicoterapia]*. Evento virtual.
- Colvert, E., Simonoff, E., Capp, S. J., Ronald, A., Bolton, P., e Happé, F. (2022). Autism spectrum disorder and mental health problems: Patterns of difficulties and longitudinal trajectories in a population-based twin sample [Transtorno do espectro autista e problemas de saúde mental: Padrões de dificuldades e trajetórias longitudinais em uma amostra populacional de gêmeos]. *J Autism Dev Disord* 52, 1077–1091. <https://doi.org/10.1007/s10803-021-05006-8>
- Congresso Nacional Argentino. (2014). Abordaje Integral e Interdisciplinario de las personas que presentan Trastornos del Espectro Autista [Abordagem integral e interdisciplinar das pessoas com transtornos do espectro autista]. Lei n.º 27.043. <https://www.argentina.gob.ar/normativa/nacional/ley-27043-240452>
- Congresso Nacional Argentino. (2008). Convención sobre los Derechos de las Personas con Discapacidad y su Protocolo Facultativo [Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo]. Lei N° 26.378 <https://www.argentina.gob.ar/normativa/nacional/ley-26378-141317>
- Davini, M. C. (2008). Métodos para la acción práctica en distintos contextos [Métodos para a ação prática em diferentes contextos]. En *Métodos de enseñanza. Didáctica general para maestros y profesores* (1º Ed., pp. 113–133). Ediciones Santillana.
- Dawson, G., e Rogers, S. (2010). *Early Start Denver Model for young children with autism: Promoting language, learning, and engagement [Modelo Early Start Denver para crianças pequenas com autismo: Promovendo a linguagem, a aprendizagem e o envolvimento]*. Guilford Press.
- Fombonne E. (2020). Camouflage and autism [Camuflagem e autismo]. *J Child Psychol Psychiatry*, 61(7), 735-738. <https://doi.org/10.1111/jcpp.13296>
- Gattino, G. (2021). *Essentials of music therapy assessment [Essenciais da avaliação em musicoterapia]*. Forma e Conteúdo Comunicação Integrada.
- Gattino, G. (2022). *Music therapy and the autism spectrum: An integrative overview [Musicoterapia e o espectro do autismo: uma visão integrativa]*. Barcelona.
- Gattino, G., Nuzzi, M., e Marsimian, N. (2021). Inicio y desarrollo de la musicoterapia en



- el campo del autismo en la Argentina [Início e desenvolvimento da musicoterapia no campo do autismo na Argentina]. *ECOS. Revista Científica De Musicoterapia Y Disciplinas Afines*, 6(2), 020. <https://doi.org/10.24215/27186199e020>
- Geretsegger, M., Fusar-Poli, L., Elefant, C., Mössler, K. A., Vitale, G., e Gold, C. (2022). Music therapy for autistic people [Musicoterapia para pessoas autistas]. *Cochrane Database of Systematic Reviews*, 5, CD004381. <https://doi.org/10.1002/14651858.CD004381.pub4>
- Geretsegger, M., Holck, U., Carpenter, J., Elefant, C., Kim, J., e Gold, C. (2015). Common characteristics of improvisational approaches in music therapy for children with autism spectrum disorder: Developing treatment guidelines [Características comuns das abordagens improvisacionais na musicoterapia para crianças com transtorno do espectro autista: Desenvolvimento de diretrizes de tratamento]. *Journal of Music Therapy*, 52(2), 258–281. <https://doi.org/10.1093/jmt/thv005>
- Happé, F., e Frith, U. (2006). The weak coherence account: Detail-focused cognitive style in autism spectrum disorders [A teoria da coerência fraca: Estilo cognitivo focado nos detalhes nos transtornos do espectro autista]. *Revista de Autismo e Transtornos do Desenvolvimento*, 36, 5–25. <https://doi.org/10.1007/s10803-005-0039-0>
- Heart Beat Musicoterapia (2024). *Curso Musicoterapia y Autismo: Actualizaciones para la práctica clínica* [Curso Musicoterapia e Autismo: Atualizações para a prática clínica]. <https://heart-beat.pt/curso-de-musicoterapia-y-autismo>
- Hernandez-Ruiz, E. (2020). Parent coaching of music interventions for children with ASD: A conceptual framework [Coaching parental de intervenções musicais para crianças com TEA: Um quadro conceitual]. *Nordic Journal of Music Therapy*, 29(3), 200–221. <https://doi.org/10.1080/08098131.2019.1647447>
- Hernández-Ruiz, E., Qi, R., Welsh, E., Wampler, M., e Bradshaw, L. (2022). Psychological and neural differences of music processing in autistic individuals: A scoping review [Diferenças psicológicas e neurais do processamento musical em indivíduos autistas: Uma revisão exploratória]. *Journal of Music Therapy*, 59(1), 87–124. <https://doi.org/10.1093/jmt/thab020>
- Jacobsen, L., e Thompson, G. (Eds.). (2016). *Music Therapy with families. Therapeutic approaches and theoretical orientations* [Musicoterapia com famílias. Abordagens terapêuticas e orientações teóricas]. Jessica Kingsley.
- Janzen, T. B., e Thaut, M. H. (2018). Rethinking the role of music in the neurodevelopment of autism spectrum disorder [Repensando o papel da música no neurodesenvolvimento do transtorno do espectro autista]. *Música e Ciência* 1, 1–18. <https://doi.org/10.1177/2059204318769639>
- Jonassen, D. H. (2011). *Learning to solve problems: A handbook for designing problem-solving learning environments* [Aprendendo a resolver problemas: Um manual para projetar ambientes de aprendizagem para a resolução de problemas]. Routledge.
- LaGasse, B. (2018). Neurodevelopmental approach. Clinical applications for children with autism spectrum disorder [Abordagem neurodesenvolvimental. Aplicações clínicas para crianças com transtorno do espectro autista]. En P. Kern y M. Humpal (Eds.), *Early childhood music therapy and autism spectrum disorder* (2º Ed., pp. 165–184). Jessica Kingsley.
- LaGasse, B. (2017). Social outcomes in children with autism spectrum disorder: A review of music therapy outcomes [Resultados sociais em crianças com transtorno do espectro autista: Uma revisão dos resultados da musicoterapia]. *Patient Related Outcome Measures*, 20(8), 23–32. <https://doi.org/10.2147/PROM.S106267>
- LaGasse, B., Yoo, G.E., e Hardy, MW. (2024). Rhythm and music for promoting



- sensorimotor organization in autism: Broader implications for outcomes [Ritmo e música para promover a organização sensório-motora no autismo: Implicações mais amplas para os resultados]. *Frontiers Integrative Neuroscience*, 18:1403876. <https://doi.org/10.3389/fnint.2024.1403876>
- Lai, M., Anagnostou, E., Wiznitzer, M., Allison, C., e Baron-Cohen, S. (2020). Evidence-based support for autistic people across the lifespan: Maximising potential, minimising barriers, and optimising the person–environment fit [Apoio baseado em evidências para pessoas autistas ao longo da vida: Maximizando o potencial, minimizando as barreiras e otimizando a adequação pessoa-ambiente]. *The Lancet*, 19(5), 434–451. [https://doi.org/10.1016/s1474-4422\(20\)30034-x](https://doi.org/10.1016/s1474-4422(20)30034-x)
- Leadbitter, K., Buckle, K. L., Ellis, C., e Dekker, M. (2021). Autistic self-advocacy and the neurodiversity movement: Implications for autism early intervention research and practice [Autoadvocacia autista e o movimento da neurodiversidade: Implicações para a pesquisa e a prática da intervenção precoce no autismo]. *Frontiers in Psychology*, 12, 635690, 1–7. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.635690>
- Lord, C., Charman, T., Havdahl, A., Carbone, P., Anagnostou, E., Boyd, B., ... e McCauley, J. B. (2022). The Lancet Commission on the future of care and clinical research in autism [A Comissão Lancet sobre o futuro dos cuidados e da pesquisa clínica no autismo]. *The Lancet*, 399(10321), 271–334. [https://doi.org/10.1016/s0140-6736\(21\)01541-5](https://doi.org/10.1016/s0140-6736(21)01541-5)
- Malloch, S., e Trevarthen, C. (2018). The human nature of music [A natureza humana da música]. *Frontiers in Psychology*, 9:1680. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01680>
- Marsimian, N. (2023a). Procesos de evaluación en Musicoterapia: Aplicación práctica en un caso de un niño con Autismo [Processos de avaliação em musicoterapia: Aplicação prática em um caso de uma criança com autismo]. *ECOS. Revista Científica De Musicoterapia Y Disciplinas Afines*, 8, 033. <https://doi.org/10.24215/27186199e033>
- Marsimian, N. (2023b). The development and design of the Musical Functional Assessment Profile (MFAP) in autism [O desenvolvimento e o design do Perfil de Avaliação Funcional Musical (MFAP) no autismo]. *Approaches: An Interdisciplinary Journal of Music Therapy*. Advance Online Publication. ISSN: 2459–3338. <https://doi.org/10.56883/aijmt.2024.42>
- Marsimian, N., e Nuzzi, M. (2025). *Musicoterapia y Espectro Autista. Marco de trabajo. Texto Unidad 1 [Musicoterapia e Espectro Autista. Marco de trabalho. Texto Unidade 1]*. Curso de Pós-Graduação Musicoterapia e Espectro Autista. Universidade Hospital Italiano de Buenos Aires.
- Martin, L. (2018). Behavioral approach. Applications for children with autism spectrum disorders in music therapy practice [Abordagem comportamental. Aplicações para crianças com transtornos do espectro autista na prática da musicoterapia]. Em P. Kern y M. Humpal (Eds.), *Early childhood music therapy and autism spectrum disorder* (2° Ed., pp. 93–110). Jessica Kingsley.
- Ministério da Saúde e Desenvolvimento Social da Argentina. Secretaria do Governo da Saúde. (2019). *Consenso sobre diagnóstico y tratamiento de personas con Trastorno del Espectro Autista [Consenso sobre diagnóstico e tratamento de pessoas com Transtorno do Espectro Autista]*. <https://www.argentina.gob.ar/sites/default/files/consenso-tea.pdf>
- Møller, A. S., Odell-Miller, H., e Wigram, T. (2002). Indications in music therapy. Evidence from assessment that can identify the expectations of music therapy as a treatment for autistic spectrum disorder (ASD). Meeting the challenge of evidence-based practice. [Indicações em musicoterapia. Evidências de avaliações que podem identificar as expectativas da musicoterapia como tratamento para o transtorno do

- espectro autista (TEA). Enfrentando o desafio da prática baseada em evidências]. *British Journal of Music Therapy*, 16(1), 11–28.  
<https://doi.org/10.1177%2F135945750201600104>
- Mottron, L. (2017). Should we change targets and methods of early intervention in autism, in favor of a strengths-based education? [Devemos mudar os objetivos e métodos da intervenção precoce no autismo, em favor de uma educação baseada nos pontos fortes?]. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 26(7), 815–825.  
<https://doi.org/10.1007/s00787-017-0955-5>
- Perkins, D. (2010). *El aprendizaje pleno. Principios de la enseñanza para transformar la educación* [A aprendizagem plena. Princípios do ensino para transformar a educação]. Ediciones Paidós.
- Pozo, J. I., Pérez, M. D., Domínguez, J., Gómez, M. A., e Postigo, Y. (1994). *La solución de problemas* [A resolução de problemas]. Ediciones Santillana.
- Quintin, E. M. (2019). Music-evoked reward and emotion: Relative strengths and response to intervention of people with ASD [Recompensa e emoção evocadas pela música: Forças relativas e resposta à intervenção de pessoas com TEA]. *Frontiers in Neural Circuits*, 13(49). <https://doi.org/10.3389/fncir.2019.00049>
- Ratazzi, A. (15 de maio de 2021). *Cambiando la mirada: Del autismo a la neurodiversidad* [Mudando a perspectiva: Do autismo à neurodiversidade]. 1º Congresso internacional virtual e gratuito. Autismo e Neurodiversidade. Fundação Neurodiversidade e Universidade Aberta Interamericana.
- Reschke-Hernández, A. (2011). History of music therapy treatment interventions for children with autism [História das intervenções terapêuticas com música para crianças com autismo]. *Journal of Music Therapy*, 48(2), 169–207.  
<https://doi.org/10.1093/jmt/48.2.169>
- Riviere, A. (2001). *Inventario del espectro autista (IDEA)* [Inventário do espectro autista (IDEA)]. Editorial Fundec.
- Schuck, R. K., Tagavi, D. M., Baiden, K. M. P., Dwyer, P., Williams, Z. J., Osuna, A., Ferguson, E., Jimenez Muñoz, M., Poyser, S. K., Johnson, J. F., e Vernon, T. W. (2021). Neurodiversity and autism intervention: Reconciling perspectives through a naturalistic developmental behavioral intervention framework [Neurodiversidade e intervenção no autismo: Conciliando perspectivas por meio de uma estrutura naturalística de intervenção comportamental no desenvolvimento]. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 52, 4625–4645. <https://doi.org/10.1007/s10803-021-05316-x>
- Trevarthen, C., e Aitken, K. J. (2001). Infant intersubjectivity: Research, theory, and clinical applications [Intersubjetividade infantil: Pesquisa, teoria e aplicações clínicas]. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 42(1), 3–48. <https://doi.org/10.1111/1469-7610.00701>
- Vaiouli P., e Andreou, G. (2018). Communication and language development of young children with autism: A review of research in music [Desenvolvimento da comunicação e da linguagem em crianças pequenas com autismo: Uma revisão da pesquisa em música]. *Communication Disorders Quarterly*, 39(2), 323–329.  
<https://doi.org/10.1177%2F1525740117705117>
- Verdugo Alonso, M., Schalock, R., e Gómez Sánchez, L. (2021). El modelo de calidad de vida y apoyos: La unión tras veinticinco años de caminos paralelos [O modelo de qualidade de vida e apoios: A união após vinte e cinco anos de caminhos paralelos]. *Siglo Cero*, 52(3), 9–28. <https://doi.org/10.14201/scero2021523928>
- Wigram, T., e Gold, C. (2006). Music therapy in the assessment and treatment of autistic spectrum disorder: Clinical application and research evidence [Musicoterapia na

avaliação e tratamento do transtorno do espectro autista: Aplicação clínica e evidências de pesquisa]. *Child: Care, Health, and Development*, 32(5), 535–542. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2214.2006.00615.x>

Zeidan, J., Fombonne, E., Scora, J., Ibrahim, A., Durkin, M. S., Saxena, S., Yusuf, A., Shih, A., e Elsabbagh, M. (2022). Global prevalence of autism: A systematic review update [Prevalência global do autismo: Uma atualização da revisão sistemática]. *Autism Research*, 15(5), 778–790. <https://doi.org/10.1002/aur.2696>